



“Gordura não é Coisa de Macho”: A Gordofobia na Construção das Masculinidades de Homens Gordos

"Fat is not a Macho Thing": The Fatphobia in the Construction of Masculinities in Fat Men

"Gordura no es Cosa de Machos": La Gordofobia en la Construcción de Masculinidades en Hombres Gordos

Lucas de Almeida Modesto ^a, Eric Campos Alvarenga ^a, Maria Lúcia Chaves Lima ^a, Maria Luisa Jimenez Jimenez ^b

^a Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil

^b Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil

Resumo

Este artigo é produto de uma pesquisa de mestrado que investigou a relação entre gordofobia e masculinidades. Tem por objetivo analisar como a gordofobia atravessa as masculinidades no discurso de homens gordos. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e utilizando-se da técnica de análise de conteúdo para organização e exame das informações produzidas. Participaram da pesquisa nove homens, com idades entre 20 e 37 anos. Dentre as categorias emergentes da análise de conteúdo, tomaremos como enfoque: “É mais fácil falar sobre ser gordo do que sobre ser homem”, em que se discutem os processos de subjetivação dos homens gordos a partir do corpo, dos esportes e da heterossexualidade compulsória. Por fim, observamos que distintas formas de gordofobia estão presentes no processo de construção das masculinidades, majoritariamente gerando sofrimento, sem, contudo, levar esses homens a se unirem em movimentos sociais antigordofobia.

Palavras-chave: gordofobia, masculinidades, interseccionalidade, psicologia social.

Abstract

This article is the product of a master's research that investigated the relationship between fatphobia and masculinities. It aims to analyze how fatphobia intersects with masculinities in the discourse of fat men. This is a descriptive and exploratory research employing a qualitative approach, conducted through semi-structured interviews and utilizing content analysis techniques to organize and examine the information produced. Nine men participated in the research, aged between 20 and 37 years. Among the emerging categories from the content analysis, this article emphasizes: “It’s easier to talk about being fat than about being a man,” in which the subjectivation processes of fat men are discussed through the body image, sports, and compulsory heterosexuality. Finally, the research observes that distinct forms of fatphobia are present in the process of construction of masculinities, mostly causing suffering, without, however, leading these men to unite in anti-fatphobia social movements.

Keywords: fatphobia, masculinities, intersectionality, social psychology.

Endereço para correspondência: Lucas de Almeida Modesto - psilucasmodesto@gmail.com

Recebido em: 23/07/2025 - Aceito em: 03/01/2026

Editora associada: Jimena de Garay Hernández



Este artigo da revista Estudos e Pesquisas em Psicologia é licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 3.0 Não Adaptada.

Resumen

Este artículo es producto de una investigación de maestría que investigó la relación entre la gordofobia y las masculinidades, teniendo por objetivo analizar dicha relación en el discurso de hombres gordos. Se trata de una investigación descriptiva y exploratoria, con enfoque cualitativo, realizada por medio de entrevistas semiestructuradas y utilizando la técnica de análisis de contenido para organizar y examinar la información producida. Participaron de la investigación hombres, con edades entre los 20 y 37 años. Entre las categorías emergentes del análisis de contenido, tomaremos como enfoque: “Es más fácil hablar sobre ser gordo que sobre ser hombre”, que aborda los procesos de subjetivación de los hombres gordos a partir del cuerpo, de los deportes y de la heterosexualidad compulsoria. Finalmente, observamos que distintas formas de gordofobia están presentes en el proceso de construcción de las masculinidades, mayoritariamente generando sufrimiento, sin, por ello, llevar a estos hombres a articularse en movimientos sociales antigordofobia.

Palabras clave: gordofobia, masculinidades, interseccionalidad, psicología social.

Este artigo é resultado de uma pesquisa de dissertação de mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). À medida que o produto da dissertação foi um material mais extenso, aqui buscou-se enfatizar o resultado mais proeminente, que perpassa as temáticas que atravessam as outras categorias de análise emergidas. Assim, esta produção centra-se em como a gordofobia se apresenta nos processos de subjetivação masculina, mais especificamente quando permeada pela cisheteronormatividade, a qual ganhará ênfase.

No Brasil, no âmbito dos saberes sobre saúde e corporalidade, podem ser identificadas duas abordagens predominantes em relação ao corpo gordo. Uma delas, ancorada sobretudo no saber médico e biomédico, produz estudos sobre a “obesidade”, compreendendo o corpo gordo a partir de uma lógica patologizante. A outra, situada em estudos críticos da gordofobia com os quais a psicologia dialoga, utilizando de abordagens transdisciplinares, para estudar as corporalidades gordas (Jimenez-Jimenez et al., 2022b), perspectiva na qual se insere esta pesquisa. Por isso, serão utilizadas aspas todas as vezes que os termos “obesidade” ou “sobrepeso” surgirem, visto que se trata de uma classificação patologizante, geralmente empregada pela vertente biomédica/médica, mas que utilizamos neste texto em alguns momentos para fins de problematização.

Ao longo da história, a condição do corpo gordo sofreu alterações em diversos lugares do mundo. Se um dia o corpo gordo já foi considerado sinônimo de saúde, hoje é visto como doença. Sant’Anna (2016) sinaliza que os corpos gordos eram vistos como formosos por armazenarem mais comida e a gordura era vista como protetora de problemas estomacais, contudo com o aumento da indústria de fármacos emagrecedores e cosméticos, a mídia voltou-se a exigências corporais, de forma que das mulheres passou a ser cobrada a magreza e dos homens a estrutura muscular. Por conseguinte, a medicina, ao diagnosticar o excesso de gordura como “obesidade”, entende-o como um problema que deve ser tratado pelas ciências da saúde,

demarcando assim a patologização de corpos gordos e tornando a magreza equivalente a saúde e beleza (Araújo et al., 2015).

Este processo histórico e social dá origem ao que se nomeia gordofobia: um estigma social, cultural, estrutural e institucionalizado na contemporaneidade, uma forma de discriminação e preconceito subsidiada por saberes que consideram as corporalidades gordas como doentes, deixando de lado a subjetividade, a história de vida, a cultura em que se vive e outros fatores relacionados à sua singularidade (Jimenez-Jimenez et al., 2022a).

As consequências sociais da gordofobia se manifestam na falta de oportunidades de emprego, na falta de acessibilidade, no desprezo social e nas falsas preocupações com a saúde, carregadas de discriminação e preconceito (Pereira & Oliveira, 2016). Ademais, Santos (2022) afirma que a gordofobia é uma violência que tem relação intrínseca com raça, classe e gênero. Dessa forma, ao estudarmos a relação entre gordofobia e masculinidades, também colocaremos em voga a questão interseccional presente na gordofobia, que perpassa outras formas de dominação, como racismo, sexismo, etarismo, classismo, entre outras.

No levantamento bibliográfico para a produção desta pesquisa, as produções sobre gordofobia e gênero que contemplem ou enfoquem homens foram escassas, seja como pesquisadores ou mesmo protagonistas. Ainda assim, pode-se perceber que esses têm vivenciado a gordofobia. Porém, por que se eximem do debate? Por que não comparecem de forma expressiva no movimento gordo? E mesmo os que comparecem advêm de outras militâncias, como, por exemplo, a LGBTQIPN+. Elenca-se, ainda, a necessidade de pôr em questão: como a gordofobia se manifesta na constituição das masculinidades de homens gordos?

No que se refere às masculinidades, estas são compreendidas como construções sociais e históricas, atravessadas por relações de poder e por outros marcadores sociais, como raça, sexualidade e classe. Nessa perspectiva, determinados modelos tornam-se hegemônicos, sendo naturalizados como universais e biologicamente dados, ao passo que outras formas de ser homem passam a ser desqualificadas (Connell, 1995; Kimmel, 1998; Korin, 2001; Medrado & Lyra, 2008.).

A compreensão da multiplicidade com a qual as masculinidades são construídas implica reconhecer que elas não ocupam posições equivalentes na ordem de gênero. Conforme argumentam Connell (1995) e Kimmel (1998), a masculinidade hegemônica se constitui simultaneamente à produção de masculinidades subalternas, que são desvalorizadas, estigmatizadas ou consideradas inadequadas frente ao modelo dominante. Essas masculinidades subalternas não são exteriores ao sistema de gênero, mas fundamentais para sua

manutenção, uma vez que é por meio da inferiorização de determinados corpos e expressões de masculinidade que o ideal hegemônico se afirma como norma.

Neste sentido, o corpo também não é uma realidade meramente biológica, mas uma construção social, histórica e cultural, atravessada por relações de poder, saber e normatividade. Marcel Mauss (2003) já indicava que os modos de usar, perceber e habitar o corpo são aprendidos socialmente, por meio das “técnicas do corpo”, revelando sua dimensão cultural e coletiva. Michel Foucault (1988) aprofunda essa compreensão ao demonstrar como os corpos são produzidos, disciplinados e governados por dispositivos de poder, especialmente no campo da saúde, da sexualidade e da normalização.

Neste sentido, os corpos masculinos são o ambiente onde se circunscrevem as masculinidades, as quais não são uniformes nem lineares, visto que os corpos masculinos estão o tempo todo em processos de classificação e construção social de masculinidades (Connell, 1995). Diante disso, é no corpo e através dele que as masculinidades são inscritas, e é no corpo que se faz a distinção com o feminino, o que gera no homem a necessidade de vigiar constantemente seus gestos, seu comportamento, suas emoções e seu próprio corpo, visto que nele a masculinidade é “provada” (DaMatta, 1997; Gomes, 2008).

Essa centralidade do corpo masculino não é recente, mas possui raízes históricas profundas. Oliveira (2004) sublinha que já existia um culto ao ideal de corpo masculino desde o século XVIII e associa como o atleta grego era colocado como sinônimo de homem vigoroso e vencedor, exacerbado da dita “masculinidade”. Ademais, pela via dos esportes, o corpo social perpassava a ideia da masculinidade como algo consagrado. Na Alemanha, a partir do século XVIII, passou a haver uma associação dessa prática com o patriotismo, colocando o homem que tem esse corpo atlético como casto, puro, íntegro e bom no manejo de armas. Os esportistas tornaram-se símbolo do ideal de homem valorizado, agressivo, forte e disciplinado.

Embora ainda haja uma supervalorização da magreza tanto para mulheres como para homens, os corpos masculinos passam a ser exigidos a possuir uma musculatura robusta, sendo a gordura e a magreza sinônimas de debilidade física para os homens (Sant’Anna, 2016). A corporeidade masculina passa a ser representada pelo corpo forte e viril (Beiras et al. 2007).

Ferreira et al. (2005) dissertam que, até recentemente, no imaginário popular, tinha-se a ideia de que a preocupação com a imagem corporal afligia somente as mulheres; todavia, nos estudos da última década, tem-se constatado essa preocupação comum entre os homens. Para as autoras, além de o corpo do “supermacho”, que é “malhado, forte e sarado”, ser sinônimo de coragem, força e masculinidade, ele também pode significar sucesso social, financeiro e sexual.

No contexto brasileiro, Sant’Anna (2016) retrata o processo histórico em que o valor social direcionado ao homem gordo muda abruptamente. Até o século XX, homens gordos eram sinônimos de valentia e bravura, sem que esses corpos fossem associados a características negativas. Com o processo de patologização dos corpos gordos, tanto Sant’Anna (2016) como Oliveira (2004) concordam que a firmeza passa a ser cobrança do corpo masculino, tornando a flacidez algo que não seria de “homem”.

Todavia, Piñeyro (2016) e Tovar (2013) concordam que o homem gordo possui atributos que socialmente o feminilizam paulatinamente. Homens gordos são vistos, segundo as autoras, como de “moral mais frouxa” ou menos disciplinados, características que normalmente são atribuídas a mulheres, de forma que é produzida uma ansiedade masculina acerca de que o homem gordo esteja “se tornando mulher”, sendo essa característica crucial na gordofobia direcionada a esses corpos.

Essa afirmação está fundamentada em três eixos citados por Piñeyro (2016) e Tovar (2013): a feminização química; a gordura castradora; e o desenvolvimento de peitos em homens. A feminização química, segundo as autoras, seria a afirmação de alguns estudos internacionais de que homens gordos possuem mais hormônios femininos do que masculinos, e que isso interferiria no seu desempenho sexual.

A gordura castradora foi conceituada a partir da análise de “memes” sobre homens gordos, insinuando que estes não conseguem acessar o pênis, que não veem o órgão ou que, metaforicamente, já foram castrados pela gordura, o que colocaria em questão sua masculinidade e os infantilizaria (Piñeyro, 2016; Tovar, 2013).

O terceiro eixo seria o desenvolvimento de peitos em homens gordos, o que é tido socialmente como “nojento” e que questionaria, mais uma vez, a masculinidade desses homens. Além disso, as produções internacionais para a saúde do homem sugerem intervenções cirúrgicas e fazem afirmações sobre uma heterossexualidade compulsória, na qual os homens deveriam ser atraídos por seios e não os ter (Piñeyro, 2016; Tovar, 2013).

Piñeyro (2016) ressalta que a gordofobia vivenciada por homens gordos é silenciada e que o ativismo gordo ainda é protagonizado majoritariamente por mulheres. Esse silenciamento pode estar diretamente ligado à ideia advinda das masculinidades supostamente hegemônicas de que homens não podem sofrer ou demonstrar sofrimento. Dessa maneira, tem-se como objetivo analisar como a gordofobia está presente na construção das masculinidades de homens gordos.

Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva, que segundo Raupp e Beuren (2006), é geralmente utilizada para análise e descrição de problemas, bem como para descrever comportamentos e outros aspectos relacionados à determinada população que estiver sendo estudada. Teve abordagem qualitativa, de acordo com Minayo (2012), esta abordagem busca entender os significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno estudado e parte do princípio de que o conhecimento é construído a partir da interação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, possuindo, assim, caráter interativo e interpretativo.

Participaram da entrevista nove homens com idade entre 20 e 37 anos, majoritariamente pretos e pardos (6 participantes) e que se identificam como gays, bissexuais e pansexuais (8 participantes); somente um participante se identificou como heterossexual, dois como brancos e um declarou etnia indígena, todos se identificaram como gordos e já receberam algum tipo de diagnóstico de “obesidade”. São residentes de Belém e região metropolitana e aceitaram participar da entrevista mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A definição do número de participantes esteve relacionada tanto à disponibilidade de adesão ao convite quanto ao encerramento do período de coleta de dados, não havendo novas manifestações de interesse após esse intervalo.

A fim de cumprir a legislação vigente acerca de estudos com seres humanos, as entrevistas só foram executadas após parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa nº 6.291.528, com o CAAE nº 72024123.1.0000.0018. Tendo em vista a preservação do anonimato, pedimos que os próprios entrevistados escolhessem seus respectivos pseudônimos.

O trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas semiestruturadas possuem perguntas abertas e fechadas, sendo articuladas para melhor produzir informações sobre a temática requerida, pois permite aos pesquisadores acrescentarem perguntas além das que foram definidas inicialmente a fim de conduzir a entrevista ao objetivo do estudo, elucidando questões que não ficaram claras e podendo também retomar a temática central caso o entrevistado se distancie do assunto abordado (Minayo, 2012; Boni & Quaresma, 2005). As entrevistas ocorreram em duas modalidades: presencial e virtual. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com duração média de 30 minutos.

O acesso aos participantes se deu por chamada pública. A divulgação foi feita em meio virtual, utilizando um informativo-convite contendo o título da pesquisa, uma breve descrição sobre o estudo, seguida do objetivo geral, além dos nomes dos pesquisadores para prestar mais informações acerca da pesquisa. O informativo-convite foi compartilhado no Instagram dos

autores e em páginas e grupos de estudos que discutem a temática nas redes sociais. Quando todos os sujeitos que manifestaram interesse foram entrevistados, deu-se início à análise do material, primeiramente transcrevendo todas as entrevistas.

Resultados e Discussão

Para a construção dos resultados, foi realizada a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), iniciada pela pré-análise, com leitura minuciosa das transcrições para identificação dos conteúdos articulados aos objetivos do estudo. Em seguida, procedeu-se à exploração do material, com decomposição dos textos, codificação e organização das ideias a partir de recorrências, semelhanças e diferenças. Por fim, os resultados foram interpretados com base nos códigos e categorias analíticas construídas, em diálogo com a pesquisa bibliográfica, a análise crítica e os estudos transdisciplinares das corporalidades gordas no Brasil. (Jimenez-Jimenez et al., 2022b; Piñeyro, 2016; Santos, 2022)

Após esse processo, emergiu uma categoria principal, intitulada “É mais fácil falar sobre ser gordo do que sobre ser homem”, a qual se desdobrou em três subcategorias: “Você deveria usar sutiã”: A “feminização” do homem gordo; “Sua barriga tá balançando”: Uma questão sobre homens, esportes e gordura; e “Gordo viado”: Questões interseccionais e violências cruzadas.

“É mais Fácil Falar Sobre ser Gordo do que Sobre ser Homem”

Há só um tipo de homem que não tem nada do que se envergonhar: um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes (Goffman, 1988, p. 109).

Escolhemos a clássica citação de Goffman (1988) para iniciar essa categoria, elucidando como a forma de subjetivação masculina inclui atributos sociais, econômicos, religiosos, físicos e outros que compõem ao que Kimmel (1998) classifica como masculinidades hegemônicas. Diante disso, embora mulheres gordas sofram muito mais cobranças sociais pela cultura patriarcal e machista, conforme pode-se observar na literatura atual, é notório que algumas dessas cobranças perpassam os homens gordos e podem ser produtoras de sofrimento para estes, uma vez que destes se exigem requisitos de um modelo inalcançável de masculinidade. Tal perspectiva pode ser vista em algumas falas dos entrevistados, como Daniel, que diz:

Eu vejo uma pessoa com o corpo X com um emprego tal, uma relação estável, tudo isso cria uma situação na nossa cabeça de que “poxa aquele ideal ali é o que eu quero [...]”. A imagem do ‘homem ideal’ cria na nossa cabeça que se eu for daquele corpo, se eu tiver aquela postura, eu vou ter as mesmas coisas.

Outro relato semelhante é o de Leão, que fala sobre um tipo de homem: “magro, alto, musculoso e que normalmente tem condições. Aparentemente, vive uma vida maravilhosa, ao lado de sua esposa, ou solteiro, vendendo plataforma digital por aí”. Assim, não corresponder a essas exigências sociais equivaleria a ser “menos homem”.

Nessa perspectiva, algumas falas dos entrevistados elucidaram que seus ideais de masculinidade ainda estavam associados ao que Kimmel (1998) considera “masculinidade hegemônica”, como se observa na fala de Bill: “o homem precisa ser cinzudo, precisa ser grosso, mal-educado etc. [...]. Homem peludo, másculo, voz grossa, comportamento mais cinzudo, frio às vezes, e eu acho que é isso”.

Marcelo, por sua vez, questiona o modelo de homem que, em sua visão, é imposto pela sociedade: “a gente tem de masculinidade muito do que a sociedade tem! Do que a sociedade traz sobre ser másculo, ser forte, ser grosso, não chorar, ser garanhão”. Para os entrevistados, essas características eram repassadas ou cobradas por outros homens. Neste sentido, Leão salienta o que começou a aprender quando passou a conviver com o pai:

homem é aquele que tem barba, não se depila, fala grosso e tem mulheres ao seu redor. [...] Ah, o homem não pode vestir rosa, nem escutar música pop, não pode usar maquiagem, não deve assistir tal coisa, não pode apoiar o feminismo. O homem tem que ser o patrão da casa; o ritmo dele é trabalhar e prover o sustento da casa, enquanto a mulher cuida da casa (Leão).

Dessa forma, reitera-se a afirmação de Korin (2001) de que a “masculinidade hegemônica” é validada a partir da observação e aprovação de outros homens, o que coloca o homem gordo em um lugar de avaliação, uma vez que seus corpos já não possuem algumas características tidas como masculinas (algumas dessas serão discutidas de forma mais aprofundada no tópico a seguir).

O entrevistado Steven, por exemplo, não consegue ficar em “aglomerados de homens”, independentemente de suas orientações sexuais. Algo que para a maioria dos homens é comum,

seja em quartéis ou vestiários masculinos, para ele é desconfortável: “não consigo tomar banho com outros homens, tipo no mesmo banheiro, como a maioria consegue. Para mim, acaba sendo constrangedor, de outros homens olharem e comentarem”.

O entrevistado ainda ressalta como sente que ser um homem gordo afeta sua masculinidade: “Mas ser gordinho afeta a masculinidade porque a sociedade já impôs um modelo de homem que é o homem grandão (no sentido de musculoso), forte, com voz grossa. Aquele homem que tem algo a mais no quesito sexual” (Steven). Logo, para homens gordos, esse lugar de observação e constante avaliação de sua masculinidade pode ser produtor de sofrimento.

Para Korin (2001), esse suposto padrão coloca aqueles que não o alcançam em um nível de inferioridade, produzindo reverberações. Com relação a homens gordos, esse aspecto gera sensação de deslocamento, percebida na fala de Daniel: “eu me via totalmente fora do padrão de outros meninos. Sempre foi assim”. Ou ainda de não pertencimento, como na fala de Carlos: “por toda a vida tive amizade com mulheres, justamente por eu não gostar de estar nesse meio (de homens); eu sempre achei um pouco tóxico demais, uns assuntos assim que não tinham nada a ver com o que eu gostava de falar”.

Carlos ainda acrescenta que, embora seja homossexual, tem uma visão muito negativa dos homens: “eu sempre enxerguei os homens de uma forma negativa, aquela coisa, sabe, sexualmente me atraio, mas, se eu pudesse, eu não seria gay, não gostaria de me envolver”.

Para o participante Allkool, algumas dessas cobranças sobre ser homem se manifestam no corpo: “Um exemplo são os pelos, barba, corte do cabelo, até a forma de se vestir ou se comportar”. Talvez isso represente o que Connell (1995) quis dizer ao afirmar que a masculinidade é corporificada sem deixar de ser social. Allkool diz ainda que compreende a masculinidade como “performance”, retomando o caro conceito de Butler (2018). Para ele, esse construto de masculinidade pode ser perdido à medida em que o sujeito apresenta certas características, como ser gordo, o que o expõe à possibilidade de sofrer violência por parte de outros homens:

a partir do momento que eu deixar meu cabelo crescer eu vou perder um pouco da minha masculinidade [...]. Também estou suscetível a um tipo de agressão porque eu não represento essa masculinidade em outros aspectos. Ser gordo pode ser um desses também (Allkool).

Na busca de responder a um ideal de masculinidade, são incitados a exercer poder sobre os outros, sejam homens ou mulheres, principalmente por meio da força, um lugar de atividade que se opõe à passividade, para “ser mais homem” (Gomes, 2008). Homens gordos são colocados nesse lugar de feminização por terem gordura em excesso, o que, no imaginário social, é “coisa de mulher”.

Isso pode ser evidenciado na fala do participante Bill, que relata que “não era comum homens gordos, ou grandes; a questão de ser grande era mais das mulheres”, o que quiçá elucide a frase de Sant’Anna (2016) que dá título a este artigo: “gordura não é coisa de macho”. Assim, homens gordos ocupam esse lugar de “dúvida” ou de “inferioridade”, por também serem atravessados pela constituição social da masculinidade “hegemônica” e pela gordofobia enquanto violência estrutural.

Ainda segundo o entrevistado, o homem da atualidade não pode estar associado a características tidas socialmente como femininas, corroborando Kimmel (1998) ao postular que a “masculinidade hegemônica” se reafirma a partir da negação de tudo o que é considerado feminino. Dessa forma, o homem gordo estaria em um lugar que, segundo Piñeyro (2016) e Tovar (2013), é socialmente feminilizado, simplesmente por ter atributos corporais que a sociedade considera “femininos”, por exemplo, ter seios e curvas protuberantes.

“Você Deveria usar Sutiã”: A “Feminização” do Homem Gordo

O padrão de corpo imposto socialmente pela masculinidade hegemônica, denunciado por Oliveira (2004), compareceu em alguns dos relatos, tais como: “o padrão que eu digo é aquele imposto pela sociedade. Corpos sarados, de academia, barriga definida, músculos aparentes” (Ariel); “Um corpo mais estruturado, musculatura firme” (Steven).

Logo, ser um homem gordo é passar por um processo de feminização que o tornaria passível de ser “dominado” por outros homens (Gomes, 2008) devido a seus atributos corporais. A esse respeito, falas como a que deu título a esse subtópico foram citadas pela maioria dos entrevistados. Para eles, a “masculinidade hegemônica” não somente dita comportamentos pelos quais se pode identificar corpos de “homens de verdade”, como também os seleciona por seus atributos físicos (DaMatta, 1997; Gomes, 2008). Tal fato pode ser evidenciado nos relatos a seguir:

Eu não ter músculos, de eu ter um peito mais protuberante, as pessoas dizem que você precisa usar sutiã (Carlos).

“Ah, tu tens peito de mulher, teu peito é grande parece que está amamentando. Tá grávido de quantos meses?” (Leão).

Além de serem considerados “menos homem” por terem um corpo gordo, as características ditas socialmente como “femininas” colocam o homem gordo em um lugar de “passividade”, trazendo à tona a dominação que, segundo Kimmel (1998), a masculinidade supostamente hegemônica impõe sobre outras masculinidades e, inclusive, imputando-lhes o sofrimento de violências que historicamente homens praticam contra mulheres, como o assédio sexual e outras formas de violência, como exclusão, constrangimento, entre outras. Sérgio contou que, em sua infância, viveu diversos momentos de assédio por parte de outros homens, devido ao seu corpo ter características consideradas “femininas”.

Outro aspecto que reverbera nas masculinidades de homens gordos é o fato de terem que esconder essas características para não serem submetidos às violências citadas anteriormente, pois, no imaginário machista e gordofóbico, essas características são consideradas vergonhosas. Assim, se um homem de corpo “comum” pode andar sem camisa ou mesmo ficar de sunga na praia sem preocupações, homens gordos são, desde cedo, tolhidos desse hábito, como aparece nas falas a seguir: “eu ia pra praia era com sunga e camiseta pra cobrir barriga, peito” (Steven); “A gente tem a dificuldade de tirar a roupa, por exemplo, tirar a camisa, isso causa constrangimento porque as pessoas te notam, te olham diferente” (Carlos).

Embora identifiquem esse padrão de corpo masculino “ideal” para a masculinidade hegemônica, alguns participantes retratam que existem formas diferentes de ser homem, pondo em relevo a diversidade de corpos masculinos, assim como de masculinidades (Connell, 1995), como é citado por Bill: “Que o homem não precisa estar em um corpo típico de um padrão, que a sociedade tem um padrão e outras pessoas podem ser homens de uma forma diferente”.

A influência que o padrão corporal recebe da mídia e das indústrias (estética, cosmética, farmacológica etc.) foi denunciada por Sant’Anna (2016) e pode ser observada em falas como a de Sérgio: “o padrão é feito pela mídia, pelo mercado estético, aquele corpo musculoso, alto, definido, mas é um padrão empregado pela mídia”. Ou ainda na fala de Daniel: “existe um padrão de corpo a ser seguido; está lá um padrão imposto, nas mídias sociais, novelas, séries, filmes, propagandas”.

Para Oliveira (2004), esse aspecto corporal também atravessa outros pontos da construção social das masculinidades, como, por exemplo, no incentivo que os homens recebem para a prática de esportes e atletismo desde a infância. O corpo gordo, por outro lado, desde

muito cedo sofre processos de exclusão ou experiências aversivas com a prática esportiva, colocando em tela outro conflito relatado pelos entrevistados, que será tratado na subcategoria a seguir.

“Sua Barriga tá Balançando”: Uma Questão Sobre Homens, Esportes e Gordura

Oliveira (2004) trata da relação histórica entre certos esportes e a ideia “hegemônica” de masculinidade, na qual o “corpo atlético” é sinônimo de virilidade e coragem, fazendo do esporte um instrumento de validação da “masculinidade”. Logo, o homem gordo se afastaria desse corpo ideal, sendo alvo tanto de machismo quanto de gordofobia.

Se, por um lado, os esportes são compulsoriamente impostos a crianças e adolescentes gordos(as) com o intuito de emagrecê-los, como nos relatos a seguir: “então desde criança a minha família sabia que eu ia ser gordo, e sempre me colocaram pra fazer esportes” (Bill); “Minha adolescência foi toda tentando emagrecer com exercícios” (Marcelo).

Por outro, nesses espaços, homens gordos são rechaçados, passando por experiências de exclusão e inferiorização, tornando-se ambientes aversivos. Pode-se ver isso em falas como: “Acho que me machucavam em brincadeiras de esporte, sempre era alvo de piada, correr, ‘ah, teu peito tá balançando, tua barriga tá balançando’ – isso é constrangedor, né” (Allkool); “Quase que diariamente sofria bullying pelo peso, por ser uma criança gorda. De ser excluído de atividades físicas na escola” (Marcelo).

Tais violências eram praticadas não só pelos pares, mas também por professores, como no relato de Leão: “Normalmente a gordofobia mais pesada foi dos meus professores, o de educação física. A gente nunca foi chegado a jogar futebol, mas certo dia um dos professores chegou dizendo que não jogávamos porque se jogássemos seríamos a bola”.

Estudos sobre gênero e práticas corporais na escola indicam que a Educação Física atua como um espaço privilegiado de produção e regulação das diferenças de gênero. Conforme analisam Mariano e Altmann (2016), desde a infância as atividades corporais escolares contribuem para a naturalização de expectativas distintas para meninos e meninas, valorizando nos primeiros atributos como força, desempenho e competitividade. Nesse contexto, corpos que não correspondem a esses ideais tendem a ser deslegitimados e excluídos.

Os relatos apresentados nesta pesquisa sugerem que homens gordos vivenciam, na Educação Física escolar, processos semelhantes aos descritos pelos autores, sendo alvo de desqualificação, escárnio e afastamento das práticas esportivas, o que contribui para sua subalternização no interior das hierarquias de masculinidades.

Esse aspecto reverbera de diversas formas na relação que homens gordos têm com atividades físicas, por exemplo, na sensação de não pertencimento, como na fala de Daniel: “Aqueles meninos que tinham envolvimento com atividades físicas, que jogavam bola. Que participavam mais firmes na educação física. Tinham uma estrutura corporal magra, eram magros, né” [...] eu não me encaixava ali naquele espaço”. Outros relataram a sensação de que não conseguiriam praticar tais atividades.

Também se pode observar um afastamento das atividades físicas, como postula Marcelo: “Por isso, eu não era uma criança ativa, de jogar futebol, eu sempre fiquei muito mais com mulheres”. Porém, a última colocação de Marcelo ressalta como ainda há um imaginário de que certas atividades físicas são práticas estritamente “masculinas”. O mesmo ocorre na fala de Sérgio, que associa preparo físico a homens, mas, enquanto homem gordo, se vê tendo menos preparo que algumas mulheres.

Neste ponto, pode-se perceber que, embora a gordofobia em homens tenha origem na misoginia (Tovar, 2013), ela não nega os privilégios que esses homens podem ter, visto que, homens gordos também podem reproduzir ideais machistas, manifestando falas de inferioridade quando comparados a mulheres, como nos trechos citados acima. Outra parcela, porém, recorre a ambientes “femininos” a fim de evitar vivências gordofóbicas e machistas.

Talvez o que possa distinguir os processos de constituição dessas masculinidades sejam as demais interseccionalidades, uma vez que esse comportamento de se aproximar de mulheres como mecanismo de fuga ou enfrentamento do machismo e da gordofobia foi citado por homens gordos pertencentes às comunidades gay, bissexual e pansexual - maioria dos entrevistados na pesquisa, por sinal.

Nesse sentido, trechos pertencentes a essa subcategoria também denunciam a heterossexualidade compulsória (Gomes, 2008) à qual os homens, de modo geral, são submetidos para “provar sua masculinidade”. Uma vez que não atendem ao requisito do corpo ideal e da prática de “esportes masculinos”, deixam de ser homens e se tornam “bixas”, evidenciado na fala de Leão: “porque a gente era gordo e não gostava de futebol aquilo interferia na nossa orientação sexual [...] No episódio do futebol o mesmo professor teve outra atitude dizendo que a gente não gostava de futebol porque a gente era bixa.”.

O participante Allkool pontua a dupla estigmatização por ser um “gordo viado”, que dá nome ao próximo item e tratará das interseccionalidades que atravessam homens gordos e podem interferir tanto na forma como vivenciam a gordofobia quanto na constituição de suas masculinidades.

“Gordo Viado”: Questões Interseccionais e Violências Cruzadas

As falas que deram origem a essa subcategoria consideram a gordofobia uma violência interseccional (Santos, 2022). Dessa forma, além da gordofobia, o racismo, a LGBTfobia e a violência de classe também serão denunciados a partir dos relatos dos participantes, bem como a forma como essas violências são vivenciadas por eles e como reverberam em suas masculinidades.

A primeira questão a ser analisada se dá pelo fato de a maioria dos entrevistados foram homens gordos que têm orientação sexual gay, bissexual ou pansexual. Estes alegaram que tendem a sofrer tanto homofobia quanto gordofobia, tendo sua masculinidade colocada em dúvida por não corresponderem às expectativas da “masculinidade hegemônica”, seja porque seus corpos não são “atléticos” (Oliveira, 2004) ou por não vivenciarem a “heterossexualidade compulsória” (Gomes, 2008).

Para Kimmel (1998) um dos aspectos fundantes da masculinidade hegemônica é a heteronormatividade, logo, quando um homem não se identifica com a heterossexualidade este de imediato se afasta do “ideal” de homem produzido socialmente. Allkool exclama: “Não é porque eu sou gay que eu deixo de ser homem” denunciando a maneira como a sociedade questiona sua masculinidade quando sua sexualidade é manifesta.

Este aspecto pode ser observado na fala de Ariel: “então esse tipo de rejeição acontecia por eu ser gay afeminado, ou por não estar em um corpo padrão”. O trecho “gay afeminado”, citado por Ariel, retoma o sofrimento de homens gays que não se sujeitam à heteronormatividade, a qual, atualmente, é vista até mesmo entre homossexuais (Defendi, 2022). No relato de Carlos, também se sinaliza como a gordofobia atravessa esse processo:

Essa masculinidade é essa essência de mostrar que é macho, tem pelos, não pode ser um gordo afeminado, não pode ser um urso afeminado [...] eu nunca deixei me aproximar [de ciclos de homens] por conta de ser gordo, de ser “afeminadinho” e ter o peito protuberante e tinha toda aquela brincadeira pejorativa (Carlos).

Ademais, o relato de Steven corrobora a denúncia da heteronormatividade postulada por Kimmel (1998), pontuando que o ideal de homem que a sociedade produz é aquele que “tem mulheres ao redor”, ou, como Marcelo cita, “o garanhão”. Allkool acrescenta: “No caso, a masculinidade sobre o homem ser garanhão, né, sobre ter várias relações, sobre ser um cara

viril, não só no aspecto social, mas no sexual”. Allkool também alegou que essas cobranças se materializavam por meio de outros homens de sua família, que exigiam dele esse lugar.

A esse respeito, Carlos afirma ainda que essa preocupação em demonstrar a suposta “masculinidade” e fugir de tudo que parece feminino advém do fato de crescermos sob essa heteronormatividade, que atravessa inclusive o aspecto afetivo, como se lê no relato de Carlos:

Mas ainda existe isso sabe, a gente cresceu em um meio hetero, que a gente tem dificuldade de demonstrar coisas, chorar, sabe de demonstrar até a feminilidade, por ser gay e andar com outros gays e não demonstrar essa feminilidade, “ah o afeminado” ainda tem toda essa preocupação (Carlos).

Allkool elenca ainda a cobrança que há sobre homens gordos performarem “o macho”. Assim o homem gordo gay vivencia formas de sofrimento e estigmatização associadas ao corpo e a sexualidade, o que pode justificar ser este o público majoritário entre os interlocutores da presente pesquisa.

Outro aspecto que merece atenção é a questão da classe social, ou seja, o lugar que o homem gordo pode ocupar caso possua um poder aquisitivo maior. Em um trecho de sua entrevista, Allkool demonstra que, mesmo em festas supostamente destinadas a homens gordos, as relações se dão em um nível de classe social: “existe uma diferença de classe social que limita as conversas e que acaba meio que classificando quem vai ser amigo de quem nessas festas”.

Para Meirelles (2022), a questão do poder aquisitivo também interfere na constituição das masculinidades, uma vez que, para a “masculinidade hegemônica”, ter dinheiro significa ser um “homem de sucesso”. Por outro lado, possuir boas condições financeiras pode dar a homens gordos a possibilidade de subverter algumas formas de gordofobia, como no relato de Carlos, que, devido às vivências de gordofobia em transportes coletivos, recorreu a táxis e a aplicativos de locomoção. Contudo, questionamos: e o homem gordo que não tem essa condição financeira para usufruir desses serviços, como faz para lidar com a gordofobia? Nesse sentido, Allkool também questiona o quanto alguns debates como gordofobia, racismo, identidade de gênero, etc., ainda são elitistas e não alcançam determinadas populações.

Retomando a ideia de “homem de sucesso”, o participante Leão diz que a mídia tem influência na promulgação dessa suposta forma de ser homem, que, em geral, inclui ter um corpo magro, musculoso, possuir condições financeiras e uma mulher ao seu lado, pondo em relevo as interseccionalidades já citadas. Daniel acrescenta que, além dos corpos definidos e

das condições financeiras, o modelo de homem que a mídia impõe geralmente é um homem branco, trazendo para o debate a questão da raça.

Nesse quesito, dois relatos foram mais explícitos sobre como esse contexto atravessa homens gordos negros. Além do relato de Daniel citado acima, Steven pontua ter sofrido rejeições amorosas não apenas por ser gordo, mas também por ser negro. Tais relatos explicitam como o racismo entrecruza-se com a gordofobia e os ideais de masculinidade historicamente reproduzidos, a começar pelo processo colonial, que atravessa as masculinidades de homens negros, fazendo com que se espere deles corpos esculturais, “furor sexual” e outros “atributos” (Vigoya, 2018) dos quais homens negros gordos não alcançariam, intensificando processos de exclusão e estigmatização.

Observa-se também, nas comunidades ursinas, que os “blackbears” – homens gordos negros – ainda enfrentam exclusão, invisibilização e outras formas de marginalização (Flauaus, 2019). Esse fato é ratificado em outro momento da entrevista, quando Steven ressalta não se sentir à vontade nas festas dessa comunidade, que supostamente aceitariam todos os corpos.

Também não se pode esquecer que essas formas de violência se cruzam ao longo da vida dos sujeitos, a ponto de, em alguns momentos, não ser possível distinguir se o que ele está vivenciando decorre de racismo, gordofobia, classismo ou homofobia. Por isso, talvez, haja a ausência de mais relatos sobre o aspecto racial, denotando inclusive a necessidade de pesquisas com essa especificidade.

Considerações Finais

Pode-se observar como a gordofobia se relaciona com as masculinidades de homens gordos, desde o imaginário social acerca do que é o corpo de um homem, passando pela relação que o esporte estabelece com as masculinidades e o quanto o corpo gordo costuma ser rechaçado nesse contexto, até o modo como fatores como orientação sexual, raça e classe influenciam a forma como esses homens vivenciam a gordofobia.

O fato de a maioria dos participantes se identificar como gays, bissexuais ou pansexuais não deve ser compreendido apenas como um dado de amostra, mas como um elemento analiticamente relevante para a compreensão das masculinidades investigadas. Conforme discutido ao longo do artigo, tanto a gordura quanto as dissidências sexuais operam como marcadores de subalternização no interior das hierarquias de gênero, produzindo processos de feminilização, estigmatização e exclusão. Nesse sentido, a recorrência de participantes gays, bissexuais e pansexuais evidencia como a vivência da gordofobia se articula a outras

experiências de marginalização, potencializando vulnerabilidades e tensionando os modelos hegemônicos de masculinidade, sem que isso signifique reduzir a análise à orientação sexual isoladamente.

No que se refere às limitações da pesquisa, destaca-se o número reduzido de participantes, que se deu devido à baixa adesão do público alvo dentro do período estipulado para coleta de dados. Desse modo, o estudo privilegiou a profundidade analítica das narrativas obtidas, reconhecendo-se os limites impostos pelas condições temporais e de acesso ao campo. Além disso, o processo de recrutamento, realizado majoritariamente por meio de grupos específicos em redes sociais, pode ter contribuído para uma menor diversidade entre os participantes, tanto em termos etários quanto no que diz respeito à orientação sexual e a outros marcadores sociais da diferença.

Assim, esta pesquisa não pretende construir generalizações sobre a experiência de homens gordos, mas tensionar analiticamente a intersecção entre masculinidades e gordofobia, evidenciando como esses processos se manifestam em contextos específicos. Investigações futuras podem ampliar esse escopo, incorporando outros recortes de classe, raça, território e orientação sexual de maneira mais aprofundada e específica.

Por fim, esta pesquisa, mais do que denunciar as diversas formas como homens gordos sofrem gordofobia, visa salientar a necessidade de que estes estejam mais presentes nesses debates, tomem conhecimento de causa e possam unir suas vozes às vozes das mulheres gordas para mitigar a gordofobia nos diversos cenários em que ela acontece, fazendo-se aliados e militantes nesta luta.

Referências

- Araújo, K. L., Pena, P. G. L., & Freitas, M. C. S. (2015). Sofrimento e preconceito: Trajetórias percorridas por nutricionistas obesas em busca do emagrecimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(9), 2787-2796. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015209.07542014>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Beiras, A., Lodetti, A., Cabral, A. G., Toneli, M. J. F., & Raimundo, P. (2007). Gênero e super-heróis: O traçado do corpo masculino pela norma. *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 62–67. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300010>
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, 2(1), 68-80.
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. José Olympio.

- Connell, R. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185-206.
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>
- DaMatta, R. (1997). Tem pente aí? In D. Caldas (Org.), *Homens* (pp. 31-49). Senac.
- Defendi, E. L. (2022). Ser um jovem gay afeminado na comunidade LGBT. In R. M. Souza, P. A. Maciel Jr., & E. L. Defendi (Orgs.), *Ensaio sobre masculinidades na atualidade* (pp. 65-76). Educ.
- Ferreira, M. E. C., Castro, A. P. A., & Gomes, G. (2005). A obsessão masculina pelo corpo: Malhado, forte e sarado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 27(1), 167-182.
- Flauaus, V. M. (2019). *Ursos, filhotes e caçadores: Cultura, identidade e virilidade "Bear" paulista* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Institucional da PUC-SP. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/22744>
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: Vol. 1 - A vontade de saber* (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trans.). Graal.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Guanabara.
- Gomes, R. (2008). *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Fundação Oswaldo Cruz.
- Jimenez-Jimenez, M. L. J., Arruda, A. S., & Silva, M. J. (2022a). Feminismo gordo: Epistemologias, saúde e mídia. *CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 1(28), 38-64. <https://doi.org/10.46906/caos.n28.61954.p38-64>
- Jimenez-Jimenez, M. L. J., Gomes, F. P., Nunes, C. C., Castro, A. L., & Silva, M. J. (2022b). Possibilidades em pesquisa gorda: Estratégias de (re)existências na produção de saberes fora do eixo. *Revista Fermentario*, 16(1), 23-41. <https://doi.org/10.47965/fermen.16.1.3>
- Kimmel, M. S. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, 4(9), 103-117. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>
- Korin, D. (2001). Nuevas perspectivas de género en salud. *Adolescência Latinoamericana*, 2(2), 67-79.
- Mariano, M., & Altmann, H. (2016). Educação Física na Educação Infantil: Educando crianças ou meninos e meninas? *Cadernos Pagu*, (46), 411-438. <https://doi.org/10.1590/18094449201600460411>
- Mauss, M. (2003). As técnicas do corpo. In M. Mauss, *Sociologia e antropologia* (pp. 399-422). Cosac Naify.

- Medrado, B., & Lyra, J. (2008). Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 809-840. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>
- Meirelles, V. M. (2022). Masculinidades, gênero e dinheiro. In R. M. Souza, P. A. Maciel Jr., & E. L. Defendi (Orgs.), *Ensaio sobre masculinidades na atualidade* (pp. 115–128). Educ.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: Teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>
- Oliveira, P. P. (2004). *A construção social da masculinidade*. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Pereira, B. B., & Oliveira, P. P. (2016, 5-9 set.). *Gordofobia, mocinha só magrinha: Valores do corpo feminino nas telenovelas* [Apresentação de trabalho]. XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, Intercom, São Paulo, SP, Brasil.
- Piñeyro, M. (2016). *Stop gordofobia y las panzas subversas*. Zambra y Baladre.
- Raupp, F. M., & Beuren, I. M. (2006). Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In I. M. Beuren (Org.), *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade* (3ª ed., pp. 72-97). Atlas.
- Sant'Anna, D. B. (2016). *Gordos, magros e obesos: Uma história do peso no Brasil*. Estação Liberdade.
- Santos, R. A. (2022). *Desconstruindo Rasputia: Racismo, sexismo e gordofobia através da reprodução de imagens de controle no filme Norbit* [Apresentação de trabalho]. Anais da Pesquisa Gorda: Ativismo, Estudo e Arte, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Tovar, V. (2013, 6 set.). *Fat men are a feminist issue*. Virgie Tovar. <https://www.virgietovar.com/blog/fat-men-are-a-feminist-issue>
- Vigoya, M. V. (2018). *As cores da masculinidade: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Papéis Selvagens.

Conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

Disponibilidade dos Dados

Os dados de pesquisa estão disponíveis abertamente no repositório da Universidade Federal do Pará (UFPA), em: [\[https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/17258\]](https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/17258)

Nota sobre autoria

Lucas de Almeida Modesto – conceituação; Curadoria dos dados; análise formal; administração do projeto; investigação; metodologia; recursos; visualização; escrita – rascunho original

Eric Campos Alvarenga – conceituação; Curadoria dos dados; metodologia; administração de projetos; supervisão; validação; escrita – revisão e edição

Maria Lúcia Chaves Lima – conceituação; Curadoria dos dados; metodologia; administração de projetos; supervisão; validação; escrita – revisão e edição

Maria Luisa Jimenez Jimenez – curadoria dos dados; metodologia; supervisão; visualização; validação; escrita – revisão e edição

Nota de agradecimento

Os(as) autores(as) agradecem à Universidade Federal do Pará, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, bem como ao movimento Pesquisa Gorda que contribuíram na formação dos(as) pesquisadores(as) na construção desta pesquisa.